

Deixar marcas na história do mundo

Novos passos de experiência cristã
Luigi Giussani, Stefano Alberto, Javier Prades

Capítulo I

O acontecimento cristão como encontro

1. André e João

O cristianismo é o anúncio de que Deus se fez homem, de que nasceu de uma mulher, num determinado lugar e num determinado tempo. O Mistério que está na raiz de todas as coisas quis que o homem o conhecesse.¹ É um Fato que ocorreu na história, é a irrupção de uma Presença humana excepcional no tempo e no espaço. Deus deu-se a conhecer revelando-se, tomando a iniciativa de se apresentar como fator da experiência humana, num instante decisivo para a vida inteira do mundo.

Depois de quarenta dias de jejum e de contemplação, ei-lo outra vez no local do seu batismo. Sabia antecipadamente o encontro que ia ter: “Eis o Cordeiro de Deus!”, diz o profeta (decerto a meia voz), ao vê-lo aproximar-se. Nesse momento dois dos seus discípulos estavam junto dele. Olharam para Jesus, e esse olhar bastou: seguiram-no até o lugar onde ele morava. Um deles era André, irmão de Simão; o outro, João, filho de Zebedeu: “Jesus amou este último, logo que o viu”. O que está escrito acerca do jovem rico que devia afastar-se tristemente subentende-se aqui. Que fez Jesus para os reter? “Vendo que iam após ele, perguntou-lhes: ‘Que buscais vós?’ Eles responderam: ‘Onde morais, Mestre?’ ‘Vinde e vede’, disse Jesus. Eles foram, viram onde habitava, e passaram com ele o resto do dia. Devia ser aproximadamente a décima hora.”²

É assim que François Mauriac, em sua *Vida de Jesus*, reproduz a primeira aparição dessa presença como “problema” que toca definitivamente a história.

O capítulo 1 de São João é a primeira página literária que fala disso. Além do anúncio explícito – “A Palavra se fez carne”,³ aquilo de que toda a realidade é feita se fez homem –, esse capítulo contém a memória das duas primeiras pessoas que o seguiram. Uma delas, anos depois, registrou por escrito as impressões e os traços do primeiro momento em que o fato aconteceu. Essa pessoa lê em sua memória as anotações que ali restaram.⁴ Todo o capítulo 1 de São João, depois do Prólogo (vv. 1-18), é uma série de frases que são verdadeiras notas tomadas pela memória. Realmente, a memória não tem como regra uma continuidade sem lacunas, como vemos, por exemplo, em algo criado pela imaginação; a memória “toma notas”, literalmente: uma anotação, uma linha, um ponto, de um modo em que uma frase dá conta de muitas coisas, e a frase seguinte começa depois das muitas coisas supostas pela frase anterior. As coisas são mais supostas que ditas; uma ou outra é realmente dita, como ponto de referência.

“No dia seguinte, João estava lá, de novo, com dois dos seus discípulos. Vendo Jesus passar, ele disse...”⁵ Imaginemos a cena. Depois de cento e cinquenta anos de espera, finalmente o povo

¹ Cf. L. Giussani, “O valor de algumas palavras que marcam o caminho cristão”. In: *Litterae Communionis*, n. 50, mar./abr. 1996, pp. 46-47.

² Cf. F. Mauriac, *Vida de Jesus*. Porto: Editora Educação Nacional, 1937, pp. 44-45.

³ Jo 1,14.

⁴ Cf. L. Giussani, “Reconhecer Cristo”. In: *Litterae Communionis*, n. 43, jan./fev. 1995, pp. XIX e XX; cf. também L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2012, pp. 65-66.

⁵ Jo 1,35-36.

judeu, que em toda a sua história milenar sempre tivera profetas, tem de novo um profeta: João Batista. Outros escritos da Antiguidade referem-se a esse personagem; está historicamente documentado. Finalmente, portanto, chegou João, chamado “o batizador”. Sua maneira de viver impressionava todas as pessoas; dos fariseus aos mais simples camponeses, todos saíam de casa para ir ouvi-lo, pelo menos uma vez. Todos – ricos e pobres, publicanos e fariseus, amigos e adversários, da Galileia e da Judeia – iam ouvi-lo⁶ e ver a maneira como vivia, do outro lado do Jordão, numa terra deserta, alimentando-se de gafanhotos e ervas silvestres. João tinha sempre um grupo de pessoas ao seu redor. Entre estas, *naquele dia*, estavam também dois homens que ali se achavam pela primeira vez. Eles vinham do lago, que ficava bem longe, fora do circuito das cidades desenvolvidas. Eram dois pescadores da Galileia. Estavam lá como dois aldeões que vão à cidade, deslocados, e fitavam de olhos arregalados tudo o que os cercava, sobretudo aquele homem. De boca aberta e olhos arregalados, não despregavam os olhos dele e lá se deixavam ficar, ouvindo-o, com toda a atenção. De repente, alguém do grupo, um homem jovem, que lá estava também para ouvir o profeta, afastou-se e tomou o caminho que seguia a margem do rio, rumo ao norte. E imediatamente João Batista, fitando-o, gritou: “Eis o Cordeiro de Deus, aquele que tira o pecado do mundo!”⁷ Ninguém se mexeu: aquelas pessoas estavam acostumadas a ouvir o profeta, de vez em quando, usar frases estranhas, incompreensíveis, sem nexos, sem contexto, e por isso a maior parte dos presentes não deu importância. Mas aqueles dois, que lá estavam pela primeira vez, pendurados a cada palavra sua e seguindo seus olhos aonde quer que se voltassem, perceberam que, enquanto pronunciava a frase, o profeta fitava aquele indivíduo que estava indo embora, e saíram no encalço daquele homem. Seguiram-no mantendo distância, por medo, vergonha, mas – de um modo estranho, profundo, obscuro e sugestivo – cheios de curiosidade. “Os dois discípulos ouviram-no dizer isso, e seguiram Jesus. Jesus voltou-se para trás e, vendo que eles o seguiam, perguntou-lhes: ‘Que procurais?’ Eles responderam: ‘Rabi, onde moras?’ Ele disse: ‘Vinde e vereis’”⁸ “Vinde e vereis”: essa é a fórmula cristã; o método cristão é esse. “Foram, e viram onde morava, e permaneceram com ele aquele dia. Era por volta da hora décima.”⁹

A narrativa não dá mais detalhes; a passagem inteira, e a seguinte também, como dissemos, é feita de anotações: as frases terminam em determinado ponto como se fosse óbvio que uma série de coisas já são do conhecimento geral. A hora é indicada – quatro da tarde –, mas não há menção de quando chegaram, nem de quando foram embora. O relato continua: “André, irmão de Simão Pedro, era um dos dois que tinham ouvido a declaração de João e haviam seguido Jesus. Ele foi encontrar primeiro seu irmão Simão”, que voltava da praia, onde estivera pescando ou consertando as redes que os pescadores usam, “e lhe disse: ‘Encontramos o Messias’”.¹⁰ Nada é acrescentado, nada mais é citado, nada é documentado; é algo do conhecimento geral, são anotações de coisas que todos sabem! Poucas páginas são como essas, verdadeiras de uma forma tão realista e simples, sem que nenhuma palavra seja acrescentada ao essencial que se fixou na memória.

O que levou André a dizer ao irmão: “Encontramos o Messias”? Quando conversava com eles, Jesus deve ter usado essa palavra, que, aliás, fazia parte do vocabulário deles; caso contrário, seria impossível que alguém dissesse e afirmasse, assim de repente, que aquele era o Messias. É evidente que, depois de terem ficado ali horas e horas, ouvindo aquele homem, vendo-o enquanto falava – quem era aquele, que falava dessa forma? quem mais, algum dia, falara assim? quem, uma vez na vida que fosse, dissera aquelas coisas? não, ninguém nunca ouviu, ninguém nunca viu alguém assim! –, lentamente se foi formando em seu íntimo uma impressão precisa: “Se eu não acreditar neste homem, não acreditarei em mais ninguém, nem nos meus olhos”. Não disseram isso, talvez nem o tenham pensado, mas com certeza sentiram. Enfim, aquele homem deve ter afirmado, entre outras coisas, que era o Messias, Aquele que devia vir. Mas a afirmação, com toda a sua excepcionalidade, tinha sido tão óbvia, que eles a retiveram consigo como se fosse uma coisa

⁶ Cf. Mt 3,1-6; Mc 1,4-8; Lc 3,7-18.

⁷ Jo 1,29.

⁸ Jo 1,37-39.

⁹ Jo 1,39.

¹⁰ Cf. Jo 1,40-41.

simples, como se fosse uma coisa fácil de entender. Era uma coisa simples!

E André “então conduziu-o até Jesus. Olhando para ele, Jesus lhe disse: ‘Tu és Simão, filho de João; tu te chamarás Cefas’ (que quer dizer: Pedra)”.¹¹ Os judeus tinham o costume de mudar o nome de uma pessoa, para indicar seu caráter ou em virtude de algum fato que lhe tivesse acontecido. Imaginemos Simão por um instante, esse homem que acompanha seu irmão, cheio de curiosidade e um pouco de temor, e que olha diretamente para aquele a quem foi conduzido. Aquele homem observa-o já de longe. Pensemos na maneira como Jesus olhava para ele, enxergando até à medula dos ossos; pensemos no quanto compreendeu seu caráter: “Tu te chamarás Pedra”. Que impressionante deve ter sido para ele sentir-se olhado assim, por um completo estranho, e sentir-se entendido dessa forma, até o profundo de si mesmo.

“No dia seguinte, Jesus decidiu partir para a Galileia...”¹²

Toda essa página é composta dessas breves menções e desses apontamentos, em que o que aconteceu é dado como óbvio, é considerado evidente e do conhecimento geral.

Excepcional e com uma simpatia humana profunda

Mas como foi que os dois primeiros, João e André (é possível que André fosse casado e tivesse filhos), foram conquistados assim de imediato, e logo o reconheceram (“Encontramos o Messias”)? Há uma aparente desproporção entre a forma extremamente simples do ocorrido e a certeza desses dois. Se esse fato aconteceu, reconhecer aquele homem, quem era aquele homem – não completa e detalhadamente, mas em seu valor único e incomparável (“divino”) –, devia mesmo ser fácil. Por que era fácil reconhecê-lo? Em virtude de uma *excepcionalidade* incomparável. Eles tinham diante de seus olhos uma excepcionalidade incomparável: tinham entrado em contato com um homem excepcional, absolutamente incomum, que não era possível reduzir a nenhum tipo de análise.

Que significa “excepcional”? Quando é que algo pode ser definido como “excepcional”? Quando corresponde adequadamente às expectativas originais do coração, por mais confusa e nebulosa que possa ser a consciência. Paradoxalmente, o excepcional é que apareça aquilo que é mais “natural” para nós. E o que é “natural” para nós? Que o que desejamos aconteça. Efetivamente, nada é mais natural que a satisfação completa do desejo último e profundo do coração, que a resposta às exigências que estão na raiz do nosso ser, pelas quais de fato vivemos e nos movemos. Nosso coração tem uma necessidade última, imperiosa, profunda de realização, de verdade, de beleza, de bondade, de amor, de certeza final, de felicidade; por isso, depararmos com uma resposta a essas exigências deveria ser a coisa mais óbvia e normal. No entanto, essa correspondência, que deveria ser a normalidade suprema, torna-se para nós a excepcionalidade suprema. Deparar-se com algo absoluta e profundamente natural, ou seja, correspondente às exigências do coração que a natureza nos dá, é, por conseguinte, uma coisa absolutamente excepcional. Há uma espécie de estranha contradição: o que normalmente acontece nunca é verdadeiramente excepcional, pois não consegue responder de modo adequado às exigências do coração.

Logo, a excepcionalidade com que se apresenta a figura de Cristo é o que torna fácil reconhecê-lo. Para João e André, aquele homem correspondia de um modo inimaginável às exigências irresistíveis e inegáveis do coração. Ninguém era como aquele homem: no encontro com ele, ocorria uma inimaginada, inimaginável, jamais experimentada correspondência ao coração. Que estupefação sem precedentes deve ter suscitado nos dois primeiros que o conheceram, e depois em Simão, em Filipe, em Natanael!

Não apenas reconhecê-lo foi fácil: era também extremamente fácil viver o relacionamento com ele. Bastava aderir à simpatia que gerava, uma *simpatia profunda*, semelhante à que a criança

¹¹ Jo 1,42.

¹² Jo 1,43.

tem por sua mãe, vertiginosa e carnal, uma simpatia no sentido intenso do termo. A criança pode errar mil vezes por dia com sua mãe, mas aí se a levarem para longe da mãe! Se ela pudesse entender a pergunta “Você ama esta mulher?”, e pudesse respondê-la, imaginem que “sim” gritaria. Quanto mais tivesse errado, mais gritaria: “Sim, eu a amo”, para reafirmar aquela simpatia. Essa é a lógica do conhecimento e da moralidade, que a convivência com aquele homem tornava necessária: uma simpatia profunda. Aprender com a sua excepcionalidade era, portanto, uma simpatia última que se realizava.

2. O método de Deus

Um acontecimento, não os nossos pensamentos

O primeiro capítulo do Evangelho de João ilustra a forma extremamente simples e profunda com que o cristianismo surgiu na história: um acontecimento humano que se propõe, o encontro com o fato de uma presença excepcional. Para André e João, o cristianismo, ou melhor, o cumprimento da Lei, da antiga promessa, cuja espera era a vida do povo judeu bom (como Ana, a profetisa,¹³ o velho Simeão,¹⁴ os pastores,¹⁵ descritos pelos primeiros capítulos de São Lucas), o Messias, Aquele que estava por vir e que o povo esperava, era um homem bem diante de seus olhos: eles o encontraram a sua frente, seguiram-no, foram a sua casa e lá ficaram aquela tarde inteira com ele, maravilhados, com a boca aberta, vendo-o enquanto falava. E na volta, quando disseram “encontramos o Messias”, repetiam com segurança palavras que tinham ouvido da boca dele. O cumprimento da grande promessa bíblica era um homem bem ali, diante de seus olhos. Não existe no dicionário palavra melhor que “acontecimento” para definir a forma como a “questão” se fez real, carnal, temporal. O cristianismo é “acontecimento”: algo que antes não existia e, de repente, apareceu. Não que André e João tenham dito: “O que se passou conosco é um acontecimento”. Evidentemente, não era necessário que explicitassem numa definição aquilo que lhes estava acontecendo: estava acontecendo mesmo!

O cristianismo é um acontecimento. Não existe outra palavra para indicar sua natureza: a palavra lei não serve, nem tampouco as palavras ideologia, concepção ou projeto. O cristianismo não é uma doutrina religiosa, uma série de leis morais, um conjunto de ritos. O cristianismo é um fato, um acontecimento: o resto é consequência.

A palavra “acontecimento”, portanto, é decisiva. Essa palavra indica o método escolhido e empregado por Deus para salvar o homem:¹⁶ Deus fez-se homem no seio de uma menina entre quinze e dezessete anos chamada Maria, no “seio santo, que ao Salvador do mundo albergue há sido”,¹⁷ como diz Dante. A *forma* como Deus entrou em relação conosco para nos salvar é *um acontecimento*, não um pensamento ou um sentimento religioso.¹⁸ Um fato que ocorreu na história revela quem é Deus e indica o que Deus quer do homem, o que o homem deve fazer em sua relação com Deus. Deus até poderia ter escolhido como caminho para se comunicar aos homens uma inspiração direta, de modo que cada um tivesse de seguir o que Deus sugerisse no seu pensamento e no seu coração. Um caminho como esse não seria em nada mais fácil e seguro, já que estaria sempre exposto à flutuação dos sentimentos e dos pensamentos. Mas a forma que Deus escolheu para nos salvar é um acontecimento, não os nossos pensamentos.¹⁹

¹³ Cf. Lc 2,36-38.

¹⁴ Cf. Lc 2,25-35.

¹⁵ Cf. Lc 2,8-20.

¹⁶ Cf. L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., pp. 148-154.

¹⁷ Dante Alighieri, “Paraíso”. Canto XXIII, vv. 104-105. In: Idem, *A divina comédia*. Trad. José Pedro Xavier Pinheiro. São Paulo: Edigraf, 1958.

¹⁸ Cf. L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., pp. 43-53.

¹⁹ Cf. Is 48,6-7.

Para a salvação do homem

O cristianismo é um acontecimento com que o eu se depara e que descobre ser-lhe “consanguíneo”;²⁰ é um fato que revela o eu a si mesmo. “Quando encontrei a Cristo, descobri-me homem”,²¹ dizia o orador romano Mário Vitorino. O fato de o homem ser “salvo” significa que ele reconhece quem é, que reconhece seu destino e sabe como conduzir seus passos na direção desse destino. E, como escreve Albert Camus, “não é à força de escrúpulos que alguém se torna um grande homem. A grandeza chega, se Deus quiser, como um belo dia”.²² É um acontecimento – a irrupção de uma novidade – o que dá início ao processo pelo qual o eu começa a tomar consciência de si, a levar em consideração o destino para o qual se encaminha, o caminho que vem percorrendo, os direitos que tem, os deveres que deve respeitar, sua fisionomia inteira. A dinâmica do acontecimento, por outro lado, caracteriza a forma como se dá o conhecimento em cada novo passo seu.²³ Sem “acontecimento”, não conhecemos nada novo, ou seja, nenhum novo elemento entra em nossa consciência. Afirma o crítico francês Alain Finkielkraut, numa entrevista sobre a atualidade de Péguy: “O acontecimento é algo que irrompe de fora, algo imprevisto. Esse é o *método supremo do conhecimento*. [...] É preciso devolver ao acontecimento a sua dimensão ontológica de *novo início*. É uma irrupção do novo, que quebra as engrenagens e dá início a um processo”.²⁴

Conhecer é encontrar-se diante de algo novo, de algo estranho a si, que a pessoa não constrói, algo que quebra as engrenagens das coisas já estabelecidas, das definições já dadas. É o que observa Cesare Pavese: “É preciso uma intervenção exterior para mudar o rumo”.²⁵

Por conseguinte, o acontecimento é capital em qualquer “descoberta”, para qualquer tipo de conhecimento.

Ora, esse Fato, o acontecimento dessa presença humana excepcional, apresenta-se como o método escolhido por Deus para revelar o homem a si mesmo, para despertá-lo a uma clareza definitiva a respeito de seus fatores constitutivos, para abri-lo ao reconhecimento de seu destino e sustentá-lo no caminho até esse destino, para torná-lo, na história, sujeito adequado de uma ação que carregue em si o significado do mundo. É esse acontecimento, portanto, que dá início ao processo pelo qual o homem toma consciência de si de maneira completa, toma consciência de sua inteira fisionomia, e começa a dizer *eu* com dignidade.

Deus tornou-se um acontecimento em nossa existência cotidiana, para que o nosso eu se reconheça com clareza, em seus fatores originais, e alcance seu destino, se salve. Foi assim para Maria e José. Foi assim para João e André, que se puseram a seguir Jesus graças ao aceno de João Batista. Deus entrava na vida deles como acontecimento. Dali em diante, quer nunca mais o tenham tirado da cabeça, quer o tenham esquecido de vez em quando, especialmente nos primeiros dias ou nos primeiros meses, toda a sua vida dependeu daquele acontecimento: na medida da sua importância, já não é possível voltar atrás de um acontecimento. Foi assim para eles. É assim para nós, hoje: um acontecimento pode assinalar um início e um caminho. O acontecimento pode assinalar um *método* de vida. Seja como for, é uma experiência que precisamos fazer. Esse caminho exige o compromisso do homem; exige que, tocado pelo acontecimento, o homem avance até encontrar o significado verdadeiro do que vislumbrou inicialmente: é um caminho do olhar.²⁶

²⁰ Cf. 2Pd 1,4.

²¹ Cf. Mário Vitorino. “In Epistola ad Ephesios”, Liber secundus. In: *Marii Victorini Opera exegetica*, cap. 4, v. 14.

²² A. Camus, *Taccuini*, III (1951-1959). Milão: Bompiani, 1992, p. 34.

²³ Cf. as três premissas metodológicas (realismo, razoabilidade e incidência da moralidade sobre a dinâmica do conhecimento) em: L. Giussani, *O senso religioso*. Jundiaí: Paco, 2017, pp. 17-58; Idem, *Si può (veramente?!) vivere così*. Milão: Rizzoli, 1996, pp. 58ss.

²⁴ A. Finkielkraut, “Tirarei Péguy do gueto”. Entrevista concedida a S. M. Paci. In: *30Dias*, n. 6, jun. 1992, pp. 52-55.

²⁵ C. Pavese, *O ofício de viver*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988, p. 12.

²⁶ Cf. I. de la Potterie, “Guardare per credere”. Entrevista concedida a A. Socci. In: *Il Sabato*, n. 46, 14 de novembro de 1992, pp. 60-65.